

Tarefa 08 – Professor Fernando Marinho

01.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me Dom Casmurro. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Conteí a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” — “Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renania; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” — “Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consultes dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração – se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Dom Casmurro, de Machado de Assis.

Sabe-se que a ironia é um dos traços mais marcantes da composição literária de Machado de Assis, e que se pode perceber no excerto

- a) “Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim [...]”
- b) “[...] tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.”
- c) “Não consultes dicionários.”
- d) “[...] falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos.”
- e) “Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso [...]”

02.

Não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados. [...]

A velhice ridícula é porventura a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana. [...]

Matamos o tempo; o tempo nos enterra. [...]

A estima que passa de chapéu na cabeça não diz nada à alma; mas a indiferença que corteja deixa-lhe uma deleitosa impressão.

Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis.

No romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), o protagonista resolve, depois de morto, quando já não possui nenhum compromisso com as máscaras sociais, tecer comentários sobre a vã condição humana. Nos trechos extraídos da obra, para expressar seu pensamento, a personagem fez uso do gênero textual

- a) Ditado popular, por tratar de fatos do cotidiano sob a ótica do banal.
- b) Fábula, por apresentar uma lição de moral por meio de fatos mórbidos.
- c) Aforismo, por expor de forma breve e doutrinal a essência de uma ideia.
- d) Diário, por trazer lembranças pessoais da sua condição de morto narrador.
- e) Notícia, por informar sobre um acontecimento ligado ao seu modo de agir socialmente.

03.

Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho de Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dois instrumentos que soavam, eram lúbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, chorados em frenesi de amor: música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo.

AZEVEDO, A. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1983 (fragmento).



No romance *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, as personagens são observadas como elementos coletivos caracterizados por condicionantes de origem social, sexo e etnia. Na passagem transcrita, o confronto entre brasileiros e portugueses revela prevalência do elemento brasileiro, pois

- Destaca o nome de personagens brasileiras e omite o de personagens portuguesas.
- Exalta a força do cenário natural brasileiro e considera o do português inexpressivo.
- Mostra o poder envolvente da música brasileira, que cala o fado português.
- Destaca o sentimentalismo brasileiro, contrário à tristeza dos portugueses.
- Atribui aos brasileiros uma habilidade maior com instrumentos musicais.

04.

Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Arguam-no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o déficit. Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. A prova de que o Cotrim tinha sentimentos pios encontrava-se no seu amor aos filhos, e na dor que padeceu quando morreu Sara, dali a alguns meses; prova irrefutável, acho eu, e não única. Era tesoureiro de uma confraria, e irmão de várias irmandades, e até irmão remido de uma destas, o que não se coaduna muito com a reputação da avareza; verdade é que o benefício não caíra no chão: a irmandade (de que ele fora juiz) mandara-lhe tirar o retrato a óleo.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

Obra que inaugura o Realismo na literatura brasileira, *Memórias póstumas de Brás Cubas* condensa uma expressividade que caracterizaria o estilo machadiano: a ironia. Descrevendo a moral de seu cunhado, Cotrim, o narrador-personagem Brás Cubas refina a percepção irônica ao

- Acusar o cunhado de ser avarento para confessar-se injustiçado na divisão da herança paterna.
- Atribuir a "efeito de relações sociais" a naturalidade com que Cotrim prendia e torturava os escravos.
- Considerar os "sentimentos pios" demonstrados pelo personagem quando da perda da filha Sara.
- Menosprezar Cotrim por ser tesoureiro de uma confraria e membro remido de várias irmandades.
- Insinuar que o cunhado era um homem vaidoso e egocêntrico, contemplado com um retrato a óleo.

05. Leia o texto de Machado de Assis para responder:

A aranha parece-vos inferior, justamente porque não a conheceis. Amais o cão, prezais o gato e a galinha, e não advertis que a aranha não pula nem ladra como o cão, não mia como o gato, não cacareja como a galinha, não zune nem morde como o mosquito, não nos leva o sangue e o sono como a pulga. Todos esses bichos são o modelo acabado da vadiagem e do parasitismo. A mesma formiga, tão gabada por certas qualidades boas, dá no nosso açúcar e nas nossas plantações, e funda a sua propriedade roubando a alheia. A aranha, senhores, não nos aflige nem defrauda; apanha as moscas, nossas inimigas, fia, tece, trabalha e morre. Que melhor exemplo de paciência, de ordem, de previsão, de respeito e de humanidade? Quanto aos seus talentos, não há duas opiniões. Desde Plínio até Darwin, os naturalistas do mundo inteiro formam um só coro de admiração em torno desse bichinho, cuja maravilhosa teia a vassoura de vosso criado destrói em menos de um minuto.

(*A Sereníssima República*, Papéis Avulsos, 1882)

O texto pode ser caracterizado como um pseudoelogio, em que se observa a subversão do senso comum, porque

- Denuncia, por ironia, o que o costume aceita.
- Parodia, por homenagem, o que a biologia acata.
- Elogia, por ironia, o que o senso comum condena.
- Elogia, por metáfora, o que a ciência confirma.
- Elogia o homem por meio da aranha.

06.

Um poeta dizia que o menino é o pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, dei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra,



ou, quando muito, um – “ai, nhonhô!” – ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!” – Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos.

Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras.”

(ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas.**)

De acordo com o texto, a que se refere o trecho: “... não contente com o malefício”?

- Ao fato de o garoto ser “opiniático e egoísta” mesmo estando sob as influências do pai muito severo, porém prático .
- Ao pai que é relapso em relação à educação do filho; quase nunca o repreende e quando o faz, dá-lhe beijos depois.
- Ao fato de Brás Cubas ter quebrado a cabeça de uma escrava, porque lhe negara uma colher do doce de coco que esta estava fazendo.
- Ao choro e reclamação do moleque Prudêncio, quando o fazia de seu cavalo de todos os dias.
- Às diabruras em geral como esconder chapéus ou beliscar os braços das matronas.

07. Leia o seguinte texto.

Toma outra xícara, meia xícara só.

– E papai?

– Eu mando vir mais; anda, bebe!

Ezequiel abriu a boca. Cheguei-lhe a xícara, tão trêmulo que quase a entornei, mas disposto a fazê-lo cair pela goela abaixo, caso o sabor lhe repugnasse, ou a temperatura, porque o café estava frio... Mas não sei que senti que me fez recuar. Pus a xícara em cima da mesa, e dei por mim a beijar doidamente a cabeça do menino. – Papai! papai! Exclamava

Ezequiel.

– Não, não, eu não sou teu pai!

(ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 27. ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 173)

A cena criada por Machado de Assis está relacionada a

- Abuso de autoridade paterna.
- Excesso de carinho paterno.
- Reflexo de conflito interior.
- Violenta rejeição à criança.
- Cuidado com a alimentação da criança.

08.

(...) E viu a Rita baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a em sua cama de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite em que se não toma pé e nunca se encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida, soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar com os quadris (...).

(Aluísio Azevedo. *O cortiço*. 9ª ed. São Paulo. Ática, 1970. P. 56-7).

Considerando a leitura do trecho acima, podemos inferir que

- A descrição do fragmento enaltece os elementos espaciais em detrimento da sensualidade de Rita Baiana.
- A ausência de sugestões sensoriais dá ao fragmento um caráter romântico.
- Há muitas sugestões sensoriais confirmadas por meio de verbos de ação e de substantivos e adjetivos que contêm a mesma ideia.
- O trecho acima evidencia um caráter subjetivo e cheio de idealização, uma vez que a mulher é descrita com riqueza de detalhes.
- São características fortes presentes nesse trecho: a presença da natureza, a ambição e o ciúme patológico.



09.

Meses depois fui para o seminário de S. José. Se eu pudesse contar as lágrimas que chorei na véspera e na manhã, somaria mais que todas as vertidas desde Adão e Eva. Há nisto alguma exageração; mas é bom ser enfático, uma ou outra vez, para compensar este escrúpulo de exatidão que me aflige.

(ASSIS, Machado de. **Dom Casmuro**)

Considerando-se o contexto desse romance de Machado de Assis, pode-se afirmar corretamente que, no trecho acima, ao comentar o próprio estilo, o narrador procura

- Afiançar a credibilidade do ponto de vista que lhe interessa sustentar.
- Provocar o leitor, ao declará-lo incapaz de compreender o enredo do livro.
- Demonstrar que os assuntos do livro são mero pretexto para a prática da metalinguagem.
- Revelar sua adesão aos padrões literários estabelecidos pelo Romantismo.
- Conferir autoridade à narrativa, ao basear sua argumentação na História Sagrada.

10.

Meses depois fui para o seminário de S. José. Se eu pudesse contar as lágrimas que chorei na véspera e na manhã, somaria mais que todas as vertidas desde Adão e Eva. Há nisto alguma exageração; mas é bom ser enfático, uma ou outra vez, para compensar este escrúpulo de exatidão que me aflige.

(ASSIS, Machado de. **Dom Casmuro**)

O “escrúpulo de exatidão” que, no trecho, o narrador contrapõe à exageração ocorre também na frase:

- No momento em que nos contaram a anedota, quase estouramos de tanto rir.
- Dia a dia, mês a mês, ano a ano, até o fim dos tempos, não tirei os olhos de ti.
- Como se sabe, o capitão os alertou milhares de vezes sobre os perigos do lugar.
- Conforme se vê nos registros, faltou às aulas trinta e nove vezes durante o curso.
- Com toda a certeza, os belíssimos presentes lhe custaram os olhos da cara.

11.

Uma noite dessas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

[...] No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me *Dom Casmuro*. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou.

[...] Não consulte dicionários. *Casmuro* não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração; se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmuro*.

Esse fragmento do romance *Dom Casmuro* publicado, em 1899, pelo escritor carioca Machado de Assis é revelador de um de seus traços estéticos mais marcantes, qual seja

- O diálogo com o leitor, com recorrentes vocativos.
- A metalinguagem com contínuas explicações sobre o próprio texto.
- A ironia com um relato onisciente do narrador observador.
- O psicologismo com alusão recorrente ao determinismo da raça e do meio.
- O criticismo com a predileção pela denúncia das mazelas sociais.

12.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas só um ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

O Naturalismo foi uma importante estética literária da segunda metade do século XIX, nela, a arte nutre-se da ciência de maneira bem particular. Não à toa os romances naturalistas serem chamados de experimentais ou “de tese” pois absorvem ideias positivas e os pensamentos de Darwin e Tayne.

Confirma essa afirmação a seguinte passagem do texto:

- “O rumor crescia, condensando-se...”
- “...já se não destacavam vozes dispersas...”
- “...ouviam-se gargalhadas e pragas...”
- “...a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.”



“Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas...”

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*.

13.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas só um ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

O caráter de denúncia social através da observação das mazelas e “patologias”, sobretudo nos meios menos favorecidos, caracteriza toda a produção de Aluísio Azevedo.

O tratamento dado aos personagens no fragmento confirma tal afirmação por apresentar

- “zoomorfização” do próprio cortiço que é o protagonista do enredo.
- “reificação” dos moradores que não têm vontade própria porque são produtos do meio.
- “animalização” dos homens e mulheres que compartilham os cubículos do cortiço.
- “personificação” dos elementos da natureza que rodeiam o ambiente dos moradores mais pobres.
- “coisificação” do próprio cortiço que inanimado não tem vontade própria.

14.

O mulato

Ana Rosa cresceu; aprendera de cor a gramática do Sotero dos Reis; lera alguma coisa; sabia rudimentos de francês e tocava modinhas sentimentais ao violão e ao piano. Não era estúpida; tinha a intuição perfeita da virtude, um modo bonito, e por vezes lamentara não ser mais instruída. Conhecia muitos trabalhos de agulha; bordava como poucas, e dispunha de uma gargantazinha de contralto que fazia gosto de ouvir.

Uma só palavra boiava à superfície dos seus pensamentos: “Mulato”. E crescia, crescia, transformando-se em tenebrosa nuvem, que escondia todo o seu passado. Ideia parasita, que estrangulava todas as outras ideias.

- Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; as reticências dos que lhe falavam de seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue.

AZEVEDO, A. **O Mulato**. São Paulo: Ática, 1996 (fragmento).

O texto de Aluísio Azevedo é representativo do Naturalismo, vigente no final do século XIX. Nesse fragmento, o narrador expressa fidelidade ao discurso naturalista, pois

- Relaciona a posição social a padrões de comportamento e à condição de raça.
- Apresenta os homens e as mulheres melhores do que eram no século XIX.
- Mostra a pouca cultura feminina e a distribuição de saberes entre homens e mulheres.
- Ilustra os diferentes modos que um indivíduo tinha de ascender socialmente.
- Crítica a educação oferecida às mulheres e os maus-tratos dispensados aos negros.

15.

— É o diabo!... praguejava entre dentes o brutalhão, enquanto atravessava o corredor ao lado do Conselheiro, enfiando às pressas o seu inseparável sobretudo de casimira alvadia. — É o diabo! Esta menina já devia ter casado!

— Disso sei eu... balbuciou o outro. — E não é por falta de esforços de minha parte; creia!

— Diabo! Faz lástima que um organismo tão rico e tão bom para procriar, se sacrifique desse modo!

Enfim — ainda não é tarde; mas, se ela não se casar quanto antes

— hum... hum!... Não respondo pelo resto!

— Então o Doutor acha que...?

Lobão inflamou-se: Oh! o Conselheiro não podia imaginar o que eram aqueles temperamentozinhos impressionáveis!... eram terríveis, eram violentos, quando alguém tentava contrariá-los! Não pediam exigiam — reclamavam!

AZEVEDO, A. **O homem**. Belo Horizonte: UFMG, 2003 (fragmento).

O romance *O homem*, de Aluísio Azevedo, insere-se no contexto do Naturalismo, marcado pela visão do cientificismo. No fragmento, essa concepção aplicada à mulher define-se por uma

- Convivência com relação à rejeição feminina de assumir um casamento arranjado pelo pai.
- Caracterização da personagem feminina como um estereótipo da mulher sensual e misteriosa.
- Convicção de que a mulher é um organismo frágil e condicionado por seu ciclo reprodutivo.
- Submissão da personagem feminina a um processo que a infantiliza e limita intelectualmente.
- Incapacidade de resistir às pressões socialmente impostas, representadas pelo pai e pelo médico.



16.

Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. [...]

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes da abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, [...] e que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: és livre, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*, v. 3. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1973. p. 489-491.

A crônica anterior evidencia a relação de Machado de Assis com a temática da escravidão, pois nela o autor

- Revela a hipocrisia daqueles que utilizaram as leis abolicionistas para alavancar suas carreiras políticas.
- Ratifica a ideia de harmonização da sociedade brasileira disseminada pelos autores do Romantismo.
- Confirma que sua literatura é desprovida de diálogo com o contexto histórico-cultural de sua época.
- Ironiza a condição dos escravos que não acreditavam no poder regenerador das leis abolicionistas.
- Louva a abolição da escravatura como um evento inesperado na segunda metade do século XIX.

17

[...] os realistas preconizavam um enfoque objetivo do mundo, em oposição ao subjetivismo romântico. Para tanto, propunham substituir o sentimento pela Razão, ou pela inteligência, o egocentrismo romântico pelo universalismo científico e filosófico, o culto do "eu" pelo do "não eu", entendido como sinônimo de realidade objetiva. Rechaçavam a Metafísica e a Teologia, em favor de uma visão científica da realidade, atenta mais ao "como" que ao "por que" dos fenômenos: o conhecimento positivo, suscetível de ser experimentado, verificado, analisado, em lugar do "mistério", da indeterminação, do vago romântico.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*, ed. rev. Ampl São Paulo: Cultrix, 1974. p. 378-379.

O texto apresentando trata do Realismo, estética literária que teve início em meados do século XIX, na França. Considerando as características apresentadas, é possível dizer que se encaixa na proposta do Realismo o seguinte trecho da literatura nacional:

- "Não preciso dizer-lhe que amor foi o meu, e que adoração lhe votou minha alma desde o primeiro momento em que o encontrei" – *Senhora*, José de Alencar.
- "Sabeis, uma mulher levou-me à perdição. Foi ela quem me queimou a fronte nas orgias, e desbotou-me os lábios no ardor dos vinhos" – *Noite na taverna*, Álvares de Azevedo.
- "ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos" – *O cortiço*, Aluísio Azevedo.
- "Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os Pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam a terra, o que faz o sal" – *Sermão de Santo Antônio (aos peixes)*, Antônio Vieira.
- "O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada – vulgaridade de caracteres, [...] frouxidão da vontade, domínio do capricho" – *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis.

18.

Ora, aí está justamente e epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as ideias que deixarem, mas ainda um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trebelhos(*).

Se aceitas a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre, nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.

(Machado de Assis, "Esaú e Jacó")

(*) Trebelhos: peças do jogo de xadrez.

A intervenção direta do narrador no texto cumpre a função de

- Distanciar o leitor da articulação da história, evitando identificação emocional com as personagens.
- Despertar a atenção do leitor para a estrutura da obra, convidando-o a participar da organização da narrativa.
- Levar o leitor a refletir sobre as narrativas tradicionais, cuja sequência lógico-temporal é complexa.
- Sintetizar a sequência dos episódios, para explicar a trama da narração.
- Confundir o leitor, provocando incompreensão da sequência narrativa.